

**ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL
INSTITUTO JUNGUIANO DO RIO GRANDE DO SUL**

**A ALMA NO COMPASSO DO TANGO
THE SOUL IN THE RHYTHM OF TANGO**

ROSA MARIA BRIZOLA FELIZARDO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Analista Junguiano pelo Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul, da Associação Junguiana do Brasil.

Orientador: AUREA ROITMAN

Porto Alegre, Outubro de 2010.

“Que fazer com todas essas coisas opostas entre si? É possível rejeitá-las e livrar-se delas? Ou é preciso reconhecer a presença delas, e é nossa tarefa colocá-las em harmonia, e do sentido múltiplo e cheio de contradições estabelecer uma unidade, que naturalmente não resulta por si mesma, mas por meio do esforço humano *Deo Concedente* (com a graça de Deus)?” (1989, §446).

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Joaquim José e nossa filha Gabriela, parceiros em todos os “tempos e contratempos” do tango e da vida. Aos Analistas Gelson Roberto e Eliane Luconi, meus mestres absolutos nos “ritmos e melodias” da psicologia analítica de Jung. Aos meus preciosos e indispensáveis amigos tangueros: Carlos Lima e Solange, Vera Brizola, Tânia Garcia, Isaias e Ivete, Alexandre e Tanira, Aos insuperáveis e inspiradores maestros de tango: Alessandro Orazi e Gisel Duran, Filipe Nobre e Daiana Pujol, Valentin Cruz, Roberto Canelo e Valéria Eguia, Daniel Oviedo e Mariana Casagrande, Jorge Dispari e Maria Del Carmem Romero.

Sumário

1. Resumo e Abstract.....	05
2. Introdução.....	06
3. Origem e Historia.....	11
3.1. <i>El tango en sus comienzos</i>	11
3.2. <i>El tango hoy</i>	15
4. Os códigos <i>tangueros</i>	18
5. Tango e Psique.....	21
5.1. Caminhada.....	22
5.2. Abraço.....	26
5.3. Terceiro eixo.....	29
5.4. Dissociação.....	31
5.5. Improvisação.....	33
6. Considerações Finais.....	35
7. Referências Bibliográficas.....	37

RESUMO

Este estudo aborda o fenômeno do Tango (aqui com ênfase na dança do tango-salão) na ótica da Psicologia Analítica, buscando compreender simbolicamente os motivos arquetípicos de sua universalidade, desde sua origem até a atualidade, detendo-se também em perceber como a alma se expressa neste universo particular. Analisa alguns dos principais elementos desta dança: A caminhada, a improvisação, a dissociação, o abraço e o terceiro eixo, estabelecendo uma analogia destes movimentos presentes na dança do tango e o movimento da psique em direção à integração dos opostos complementares, não só a partir da imagem do casal que dança, mas também com relação aos processos intra-psíquicos que ocorrem com cada um dos dançarinos envolvidos.

Palavras-chave: tango, alma, integração de opostos.

ABSTRACT

This study addresses the phenomenon of Tango (with emphasis on the Tango Hall dance) from the viewpoint of Analytical Psychology, trying to understand the symbolic archetypal motifs of its universality, since its inception until today, and also taking a look in the way soul expresses itself in this particular universe. Examines some of the key elements of this dance: Walk, improvisation, dissociation, the embrace and the third axis by establishing an analogy of these movements in dancing the tango with the movement of the psyche toward integration of complementary opposites, both in the image of a couple dancing, as in the intra-psychic processes that occur with each of the dancers involved.

Keywords: tango, soul, integration of opposites.

1. INTRODUÇÃO

Jung nos abriu portas para olharmos para a psique no mundo, aliás, ele definiu a “Psique como o eixo do mundo”. Sua extensa obra está repleta de exemplos que nos comprovam o quanto o homem e o mundo são indissociáveis, portanto, o que acontece no mundo se repete na psique individual de cada ser que é parte desta mesma natureza. Ele retoma o conhecimento da antiguidade onde psique coletiva e psique individual são indissociáveis. Este tema é recorrente em várias das obras de Jung. Ele reafirma constantemente que não separa o homem do mundo, trabalhando com a perspectiva de que os processos que se dão no mundo são os mesmos verificados no homem. Coloca que o processo evolutivo, em ambos os casos, se origina a partir de um caos, de uma desordem indiferenciada, que caminha para uma diferenciação e posterior conjunção, chegando a uma integração, sucessivas vezes, através da função transcendente. Ele explica que esse processo de unificação, seja no mundo ou no indivíduo é gerenciado por um princípio norteador que carrega em si o significado da experiência.

“Somente uma perspectiva construtiva e não redutiva” é capaz de tal organização, esclarecendo que é através da abordagem simbólica que essa se dá, pois “o símbolo é a única expressão capaz de traduzir um fato complexo” (2000, § 148). O paradigma simbólico proposto por ele revela que toda a imagem provinda das “profundezas obscuras” da psique, que ele denominou inconsciente coletivo, é a matriz de todo o funcionamento psíquico da humanidade. As chamadas imagens arquetípicas oriundas deste inconsciente maior, quando traduzidas em “linguagem do presente”, dão sentido às experiências vividas, levando à almejada integração.

Jung ampliou o conceito e o entendimento de inconsciente, podendo demonstrar que além da existência de um inconsciente pessoal e subjetivo centrado no ego, somos também dotados em nossa estrutura psíquica de um inconsciente coletivo, uma camada mais profunda, que tem uma dimensão e um caráter humano geral e centrado no Si-mesmo enquanto um arquétipo ordenador maior, uma totalidade geradora de conceitos e símbolos imagéticos autônomos, ou seja, independentes da vontade e da intenção subjetiva do ego. Seu conceito de arquétipos do inconsciente coletivo nos fala de centros de energia psíquica

que não foram submetidos a elaboração da consciência, sendo formas preexistentes dotadas de valor emocional ou afetivo que estão sempre atuando na formação do conhecimento e da cultura como possibilidades existentes a priori.

Dentro deste estudo ainda traz a contribuição fundamental no que diz respeito ao estudo dos instintos também como padrões dinâmicos que movem o ser humano. Demonstra em sua teoria psicológica que, além dos instintos de fome e de sexualidade existem outros, que realmente nos fazem humanos, que são os fatores instintivos do impulso a ação, da reflexão e da criatividade. Vê, no que chamou de processo de individuação, a realização destes fatores instintivos e arquetípicos como a meta a ser atingida no percurso de cada existência.

Tradicionalmente na história da humanidade, foi o mundo europeu, o mundo de cima, que se consagrou como a fonte para a busca de conhecimentos e símbolos acerca da humanidade e, com isso, muitas vezes parece que na parte inferior do mapa *mundi*, não é possível buscar e encontrar conhecimento e cultura.

Jung é de origem europeia, porém nunca se limitou a dirigir seu olhar somente para os conhecimentos produzidos ao norte. Deixou-se também influenciar por referências mais amplas, tendo lançado o olhar em todas as direções que pode alcançar, e legando-nos a tarefa de continuar indagando cada vez mais e mais longe, ou quem sabe no caso do presente estudo, mais perto em nossa busca de produção de conhecimento e cultura.

Uma leitura profunda da obra de Jung nos leva a deduzir que não é acima ou abaixo perto, ou longe que encontraremos o melhor e o mais necessário para nós, mas sim onde quer que haja plenitude de significado. Então numa proposta junguiana de alma, porque não “sulear” usando uma expressão do mestre educador brasileiro Paulo Freire, ou seja, por que não buscar conhecimento no sul, nas suas mitologias ou nos seus fenômenos culturais míticos por serem estes a mais genuína expressão de nossa alma gaucha sul-americana, indígena e afro-descendente?

Nesta perspectiva é que se revela o fenômeno do tango como um universo a ser explorado. Tango, (aqui com ênfase na dança), enquanto expressão criativa de uma cultura que carrega em si a imagem arquetípica da busca da reunificação dos contrários, do par de opostos, do rei e da rainha em busca da união. Uma

dança que, mais do que isso, é uma proposta de comunicação, de um diálogo humano, numa linguagem especial que nos convida a abrir mão dos estímulos externos, a conectar-nos ao mundo interno, a introverter e, então, expressar em movimentos o nosso humano e permanente desejo e destino de integração. Tango como uma das linguagens do desvelar da alma.

O tango é considerado uma expressão artística universal, reconhecido e declarado pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da humanidade, no dia 30/09/2009.

O Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, também chamado Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade, é uma distinção criada em 1997 pela Organização das Nações Unidas para a proteção e o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial, abrangendo as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições.

Na Argentina que neste ano de 2010 comemora seu bicentenário de independência nasceu um movimento popular de resistência, rebeldia e liberdade que hoje chamamos tango. Paralela ao Processo de Reconstrução Nacional que o país viveu desde a chamada “década infame” da ditadura militar até a re-democratização, que só retornou em 1983, deixando um saldo de 30.000 desaparecidos e quase um milhão de cidadãos expatriados, nasceu e cresceu à revelia da dor ou melhor dizendo a partir dela, a mágica expressão do tango enquanto música, poesia e dança.

Da lama criada pela dor de imigrantes, escravos e excluídos emerge pela via do sentimento, uma dança maldita carregada do desejo de completude e integração, transformando a dor em beleza.

A abordagem da Psicologia Analítica enfatiza a relação dialógica como base de todo o verdadeiro relacionamento humano. Trata como fundamental a possibilidade de compreensão do que está acontecendo entre os parceiros numa relação, tanto entre as duas pessoas envolvidas, como na relação interna de cada indivíduo com os seus aspectos intra-psíquicos conscientes e inconscientes, masculinos e femininos regidos pelos arquétipos da anima e do animus . Essa também é uma realidade na dança do tango, que é dialógica por natureza e

propõe a seus aprendizes uma cuidadosa atenção a esse diálogo em que o dançarino participa inteiro e com toda a vida, todo o seu vigor: os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo.

Relação, diálogo, projeção, polaridades, todos esses processos estudados na psicologia Junguiana só podem existir a partir da presença do Outro, dentro e fora de mim. O tango, como “dança de abraço” sinergiza e constela o arquétipo. A transformação e a construção do ser humano se fazem no confronto com o não-eu, com o diverso. É uma atitude fundamental num processo de crescimento como ser humano a percepção acerca de si-mesmo como incompleto e a consequente consciência do impulso que há de unir-se ao outro, reconhecendo o sentimento ontológico de incompletude do ser humano. O dançarino de tango tem a oportunidade de conhecer seus “contornos” e os de seu parceiro, abrindo um dos caminhos para conhecer, crescer e realizar-se como ser humano. É na relação que isso se torna possível, pois é diante da tensão que a presença do Outro provoca, despertando ora atração, ora estranhamento que se mantêm vivos a atenção cuidadosa e o diálogo constante.

Sanford (1987), ao analisar a contribuição de Jung com seus conceitos de anima e animus, enfatiza que:

“Não somos unidades homogêneas de vida psíquica, mas possuímos uma inevitável oposição dentro da totalidade que forma o nosso ser. Existem opostos dentro de nós, podemos chamá-los do que quisermos – masculino e feminino, anima e animus, Yin e Yang – e eles permanecem eternamente em tensão e estão eternamente buscando a união. A alma humana é uma grande arena em que Ativo e Receptivo, a Luz e as Trevas, Yang e o Yin procuram unir-se e forjar dentro de nós uma indescritível unidade de personalidade. Realizar essa união dos opostos dentro de nós pode muito bem ser a tarefa da vida, tarefa que exige o máximo de perseverança e de atenção assídua” (pg.147-148).

Venho então me detendo sobre algumas questões. Uma delas é compreender simbolicamente o tango em sua universalidade, ou seja, saber que elementos compõem essa dança, responsáveis pela sua repercussão, estendida

através do mundo todo. A outra questão, mais específica, é perceber como a alma pode se revelar no processo de dançar o tango.

Devido à complexidade do tema, elegi alguns aspectos que compõem a aprendizagem da dança de tango, a serem mais profundamente examinados na minha proposta de integração dos conhecimentos envolvidos. São eles: a caminhada, o abraço, o terceiro eixo, a dissociação e a improvisação. Minha intenção nas próximas páginas é de conduzir a uma leitura embalada ao ritmo de 2 por 4 da cadência *tanguera*, plena de surpresas, improvisações, adornos e abraços.

3. ORIGEM E HISTÓRIA

3.1. EL TANGO EN SUS COMIENZOS

O tango conta hoje com 120 anos de existência e é fruto da mistura de diversas culturas. Dentro dessa diversidade de influências, a origem da palavra tango dispõe de variadas interpretações, passando pelo termo latino “tangere”, que significa tocar, a uma onomatopeia do som das peles esticadas dos tambores africanos (tan-gô). Parece mais adequado pensar que todas as explicações têm algum sentido, pois o que se pode afirmar é que o tango nasce como uma manifestação popular, dos trabalhadores da periferia de Buenos Aires, com distintas procedências. O Historiador Hélio Fernandes, ao investigar as raízes do tango e seu momento histórico, sintetiza a sua origem, afirmando que:

“O desaguadouro desta bomba humana, feita de gente humilhada e desprezada, foi o tango. Gringos, *criollos* e negros fazem a síntese de suas desesperanças e aflições. Os italianos, com sua nostalgia; a melancolia dos galegos, o recato dos vascos, “bárbaros por fora e infantis por dentro”; a sensualidade negra do candombe, a raiva dos *criollos* despojados, o amor bêbado dos marinheiros, a malemolência dos malandros. São os desamparados, os deserdados, os excluídos, os marginalizados que esta música vem amparar”. (2000, pg.51)

O consenso geral é de que a palavra tango, apesar de seu poligenismo linguístico, tem sua origem na África, onde, em diferentes dialetos que vão do Congo ao Sudão, o termo significava “círculo, lugar fechado, no sentido de ter acesso restrito apenas a alguns”. Segundo os estudiosos, o uso da palavra tango nesses dialetos africanos estava sempre vinculado ao mundo religioso, com a “segregação e o hermetismo”, próprios de todo o culto em comunidades primitivas.

Outro fato indiscutível, que não diz respeito à palavra, e sim à origem geográfica do ritmo da música e da dança do tango, é o fato de constituir a reunião de forças oriundas das populações das duas margens do Rio da Prata, acrescidas, de um lado, do contingente negro do Uruguai, e de outro do colonizador espanhol da Argentina. Do encontro dessas duas culturas e do diálogo que propõem, tendo o Rio como intermediário, nasce o Tango.

Existem tantas hipóteses sobre sua origem, que não é possível mencionar todas, por isso permanecerá sempre envolta por uma aura controvertida, obscura e nebulosa.

Inicialmente, era dançado por duplas de homens, pois o contingente masculino era a maioria sofrida na Buenos Aires daquele momento histórico. Foi, então, somente nos bordéis que as mulheres puderam inicialmente ingressar nessa dança. Num movimento de natural evolução cultural, as mulheres foram ganhando espaço naquele universo e, passo a passo, ou de abraço em abraço, foram ainda conquistando lugar de expressão. Assim, de apenas “conduzidas” pelo cavalheiro, passaram a, na atualidade, repartir equitativamente com os homens a responsabilidade e os direitos na dupla.

Em público, dançavam homens com homens. Naqueles tempos era considerada obscena a dança entre homens e mulheres abraçados, sendo este um dos aspectos do tango que o manteve circunscrito aos bordéis, onde os homens utilizavam os passos que praticavam e criavam entre si nas horas de lazer mais familiar. Mais tarde, o tango se tornou uma dança tipicamente praticada nos bordéis, principalmente depois que a industrialização transformou as áreas dos subúrbios em fábricas, transferindo a miséria e os bordéis para o centro da cidade. Nessa fase, havia letras com temática voltada para esses ambientes. São letras francamente obscenas e violentas. A partir de 1910, a implantação dos bondes ligando o centro aos subúrbios, propicia a aproximação das culturas urbana com os distantes arrabaldes.

Refiro-me aqui ao tango de salão, estilo diferente do tango show da atualidade, que pode ser apreciado nas casas de espetáculo na Argentina e em todo o mundo.

O tango só alcança popularidade entre as classes dominantes após ter chegado à Europa, mais especificamente a Paris, e, a partir do reconhecimento que recebe lá, é que se espalha pelo mundo e retorna validado a Buenos Aires. Diz o historiador e poeta Horácio Ferrer que os franceses puderam reconhecer no tango os ideais da Revolução Francesa: a liberdade no tema da improvisação da dança, a igualdade no diálogo do casal e na busca de comunhão e, por fim, a fraternidade entendida como a linguagem do tango que rompe todas as nacionalidades, propondo o idioma comum da linguagem corporal. Constata-se também que Paris, como centro cultural do mundo no auge do modernismo,

acolheu a excentricidade daquela música e dança que vinha ao encontro do momento cultural em que se encontravam.

Carlos Gardel já era um estrondoso sucesso em 1928. Sucesso que durou até 1935, quando faleceu vítima de um acidente de avião, quando estava em pleno auge. Gardel cantava o tango em Paris, Nova York e muitas outras capitais do mundo, sempre atraindo multidões, principalmente quando se apresentava na América latina. Eram multidões dignas de Elvis Presley e Beatles. Também foi responsável pela popularização do tango, estrelando filmes musicais de tango produzidos em Hollywood.

A década de 1940 é considerada uma das mais felizes e produtivas do tango. Os profissionais que haviam começado nas orquestras dos cabarés de luxo da década de 1920 estavam no auge de seu potencial. Nessa época as letras do tango passaram a ser mais líricas e sentimentais. A antiga temática dos bordéis e cabarés, de violência e obscenidades, era uma mera reminiscência. A fórmula ultrarromântica passa a caracterizar as letras: a chuva, a garoa, o céu, a tristeza do grande amor perdido. Muitos letristas eram poetas de renome e com sólida formação cultural.

A década de 1950 conta com a atuação revolucionária de Astor Piazzolla. Piazzolla rompe com o tradicional trazendo para complementar os recursos clássicos do tango influências de Bach e Stravinsky por um lado, e por outro lado do *Cool Jazz*.

Astor Piazzolla (1921-1992) nasceu em Mar del Plata e morou com a família nos Estados Unidos, onde estudou bandoneón com Bela Wilda e piano com Serge Rachmaninov.

Sempre buscando a perfeição, continuou os estudos de piano e harmonia e, em 1946, formou sua primeira orquestra típica.

Aí começou a longa série de composições premiadas. O governo da França lhe concedeu uma bolsa de estudos para estudar com Nadia Boulanger.

Formou o famoso Octeto de Buenos Aires e sua Orquestra de Cordas, que revolucionaram a música argentina. Transformado em quinteto, o grupo correu o mundo.

Piazzolla musicou versos de Jorge Luis Borges e formulou os conceitos do movimento "*nuevo tango*" usando contrapontos revolucionários, novas harmonias, arranjos audaciosos e muita intuição. No Montreux Jazz Festival de 1986,

recebeu encomenda de obras exclusivas para Pat Metheny, Keith Jarrett e Chick Corea.

Em 1989 foi considerado um dos maiores instrumentistas do mundo pela *Down Beat*, famosa revista especializada em jazz.

Durante seus últimos anos compôs mais de 300 obras e cerca de 50 trilhas musicais para filmes. Astor Piazzolla morreu em 4 de julho de 1992.

Sem dúvida, a genialidade de Astor Piazzolla, foi um dos incrementos ao retorno do tango em grande estilo.

É o tango que inaugura as modalidades de danças de abraço, propondo, assim, um diálogo direto entre os dois seres que formam o casal.

Após sua época áurea nos anos 40, o tango veio a sofrer uma fase de declínio e quase esquecimento na Argentina, acompanhando a crise política e econômica mundial da II Guerra e as ditaduras da América Latina, nas décadas de 60, 70 e 80, fase de entrada maciça da música americana, num processo de aculturação. Retorna já nos últimos 30 anos, refletindo a abertura da democracia no país com a toda a força que lhe é peculiar, a força de uma paixão humana que sofre seus reveses, mas jamais deixa de retornar.

3.2. EL TANGO HOY

Na atualidade o tango está presente em inúmeros países de todos os continentes, em todos os grandes centros urbanos é possível encontrar pelo menos uma Milonga (nome dado aos bailes de tango) e em Buenos Aires pelo menos 180 milongas em pleno funcionamento. Desde que surgiu, o tango tem demonstrado essa capacidade imensa de ser acolhido pelo mundo. Seja na Argentina ou em outros países em que encontrou morada, este fenômeno sempre encontrou seus meios para sobreviver e se desenvolver.

Pesquisadores e cientistas interessados no fenômeno do tango, passaram a realizar estudos sobre ele concluindo que a prática da dança do tango traz inúmeros benefícios à saúde integral dos indivíduos. Segundo eles, por seu caráter criativo e individualizado, a dança do tango pode e deve ser praticada por todas as pessoas, independente de sua idade ou condição física. Ao observar que esta dança aumenta o tônus muscular, melhora a postura, o equilíbrio e a flexibilidade, além de reduzir o stress e a ansiedade, pesquisadores neurocientistas da Escola de Medicina de Washington (2008), passaram a utilizá-la para efetuar trabalhos de recuperação de doentes de Alzheimer e Parkinson, com grande êxito.

O primeiro estudo foi realizado com 19 pacientes com doença de Parkinson, escolhidos aleatoriamente, ainda que todos semelhantes quanto a idade e estágio da doença. Estes pacientes após 20 sessões de aulas de tango (que incluíram alongamentos, exercícios de equilíbrio, andar em estilo de tango) com uma hora de duração, apresentaram melhora significativa em vários testes-padrão(Escala de Equilíbrio de Berg, Timed Up And Go) para a doença que avaliam equilíbrio, mobilidade e a gravidade geral da doença.

Os pesquisadores Gammon Earhart e Maddeleine Hackney destacaram ainda que esse tipo de terapia parece ser superior a qualquer outra oferecida atualmente e referem: “A qualidade de vida melhorou nesses pacientes por causa do aspecto social da dança”. Foram seguidos por Cardiologistas Argentinos da Universidade Dr. Favalaro, que acabaram por verificar que essa dança pode estabilizar a pressão arterial e qualificar a socialização de pacientes cardiopatas, ainda elevando sua autoestima. Junto ao casal de professores Héctor Mayoral e Elsa Maria, da Academia Internacional de Tango, foram realizadas na Fundação Favalaro as investigações com pacientes cardiopatas, utilizando diferentes ritmos

de tango (lento, rápido, pausado) e, com isso, a frequência cardíaca dava distintos resultados. No primeiro tango dançado a pressão subia, no segundo baixava e no terceiro ficava equilibrada, e a respiração mudava de acordo com o ritmo, mas a frequência cardíaca se mantinha estabilizada. No Hospital Psiquiátrico Borda de Buenos Aires, a psicóloga Trinidad Cocha realiza aulas semanais de tango-terapia com seus pacientes internos, tendo verificado inúmeros benefícios junto aos mesmos, sendo os mais evidentes a recuperação das noções de autocuidado, decorrentes de uma estrutura de ego mais organizada.

A psicóloga relata que participam das aulas os pacientes e os profissionais do hospital. Conta que, antes das aulas de tango, alguns pacientes eram tímidos demais para falar, e outros mal conseguiam conservar o equilíbrio quando andavam. Agora, eles dançam de rosto colado com seus parceiros, deslizando pela pista ao som do bandoneón. Em suas palavras: “As pessoas relaxam, e os rótulos desaparecem. Deixamos de ser médicos, enfermeiras, músicos ou pacientes. Somos dançarinos de tango, só isso.”

Após encontrarem a Escola de Tango de Los Dinzel (do casal Rodolfo e Glória Dinzel), os psicólogos Monica Peri da USMA (Universidad Católica Santa Maria La Antigua) e Ignacio Lavalle Cobo da Fundación Jung de Buenos Aires, passaram a investigar e, posteriormente, colocar em prática a teoria e método que chamaram Psicotango, tendo como base paradigmática a Psicologia Analítica de C.G.Jung. Entre os anos 2004 e 2008 realizaram grupos semanais de Psicotango em dois hospitais públicos de Buenos Aires, no Serviço de Adolescência do Hospital para Emergências Psiquiátricas T. de Avelar e no Serviço de Cuidados Paliativos do Hospital Tornú. Em ambos os casos, participaram dos grupos terapêuticos os pacientes, os profissionais das instituições e os familiares e acompanhantes.

Os autores conceitualizam o Psicotango como uma teoria psicopedagógica em que se combinam os benefícios do tango, como dança de encontro, e a psicologia, como um olhar para estes corpos que se comunicam.

LAVALLE COBO E PERI (2010) na obra PsicoTango: Danza como terapia relatam que o trabalho com estes grupos teve por objetivo estimular o funcionamento da coordenação motora, da organização espaço-temporal, e dos mecanismos de atenção (detectar estímulos, decodificar e processar informações

organizando as respostas), da memória de trabalho e do processamento, planificação e antecipação de informações. Puderam observar como resultados a melhora da comunicação verbal, o desenvolvimento de habilidades de relação social e de vínculo entre os pares, o aumento da autoestima, da criatividade e do autocuidado. Em suas palavras: “Comprobamos una vez más que el tango es memoria y afecto puesto de relieve sobre la expresión de las almas, aunándolas en una sola voz común de amor y dolor” (pg.24).

4. OS CÓDIGOS TANGUEROS

A dança do tango pode estar nas ruas, calçadas, praças ou cafés das cidades, mas em todas as milongas, se encontram os milongueiros, com suas tradições e seus códigos. Os códigos de funcionamentos das milongas, que são como se chamam os bailes de tango e também um dos ritmos portenhos, impressionam pelo cuidado e reverência que expressam, assemelhando-se a rituais religiosos. Em primeiro lugar pelos personagens que o compõe, são crianças, jovens, adultos e idosos convivendo em plena situação de igualdade, compartilhando do mesmo ritual. Em segundo lugar, encanta ver que, mesmo sem que algo seja dito explicitamente por alguém, todos sabem e agem num clima de respeito diante da profundidade da experiência que ali se dá. O local para a dança é sempre circular, trazendo a imagem de um espaço fechado que contém o todo a semelhança das mandalas, que são símbolos circulares utilizados pela humanidade para expressar a integração. Como nos coloca M.L. Von Franz: “Com relação ao simbolismo psicológico, expressa a união dos opostos – a união do mundo pessoal e temporal do ego com o mundo impessoal e atemporal do não-ego” (2008, pg.324).

Os principais códigos a serem seguidos na milongas são:

- O convite para dançar é um sinal de cabeça do cavalheiro para a dama. Esta pode sinalizar que aceita levantando-se ou sutilmente parecer não ter percebido o convite. Aqui já se apresenta um primeiro momento de introspecção e reflexão onde cada um poderá perceber o seu desejo de ir ao encontro do outro.

- Uma vez aceitando, o casal se dirige a pista e dança uma tanda completa (sequência de três tangos), e então o cavalheiro conduz a dama de volta a sua mesa. Caso deseje continuar, terá de convidá-la novamente. Abra-se, pois, a possibilidade de escolha para ambos, e esta dança de encontro só irá prosseguir se, de alguma maneira, houver sensibilizado aos dois.

- O movimento dos casais na pista é sempre circular e em sentido anti-horário, conferindo fluidez ao baile, evitando que uns invadam o espaço dos outros,

estabelecendo-se uma energia para o centro da pista. Esses movimentos simbolizam expressões do inconsciente, sempre em busca do Self e de um tempo que não é cronológico e sim Primordial. Na análise de LAVALLE COBO, encontramos:

“El baile del tango se realiza em grupo, em círculo, em sentido contrário a las agujas del reloj. Em princípio, esto nos da la pauta de que para danzar la vida com el otro y com los otros se necesita um orden, uma dirección. Observamos um poco más esta particularidad, notamos que esse orden se dirige hacia la detención del tiempo, a su revisión”. (2010, pg.95)

-Qualquer desejo de encontro para outro fim que não seja dançar, será combinado para algum local fora da milonga. Outra importante contribuição do autor acima citado é a sua reflexão de que, ao estabelecer códigos claros e definidos, o ritual *tanguero* vem recuperar no mundo atual, tão confuso e indiferenciado, a linha divisória entre aquilo que é público e aquilo que é privado.

A todos esses códigos ainda se podem acrescentar a preocupação que se observa nas pessoas que irão participar dos bailes de tango quanto a sua vestimenta e aparência geral. As roupas são escolhidas pela sua comodidade no sentido de não impedir os movimentos que serão realizados, sendo então confortáveis e agradáveis ao toque. Esses cuidados passam ainda pela escolha do perfume, pela higiene do hálito, levando em conta a proximidade entre os casais. É igualmente importante a escolha do sapato adequado, que deve prender firmemente o pé e contar com um solado que deslize sobre o piso. Ainda quanto ao calçado, chama a atenção o fato de a maioria das pessoas, levarem seu “sapato de tango” em uma sacola própria e o calçarem somente quando se encontrarem no espaço destinado à milonga. Portanto, só pisam o espaço circular mágico da pista de dança quando deixam para trás o seu caminhar cotidiano convencional, penetrando renovados nesse ambiente ritualístico.

Conhecer todo esse ritual traz novas reflexões. Um novo caminho se abre na busca da compreensão dos compassos da alma. São muitas e muitas as escolas, dos mais diversos estilos que lá existem, cada um com a marca do bairro

onde nasceram, mas em todos logo se compreende, nos ensinamentos daqueles grandes mestres, que a grande busca, a técnica perfeita na dança do tango é chegar ao conceito de Unidade, à imagem de Unidade. Unidade em comunhão. É inevitável perguntar: O que esses conhecimentos tão estudados por C.G.Jung estão fazendo aqui? E logo responder: Não é Jung que está aqui, é a alma!

5. TANGO E PSIQUE

No tango, encontramos a necessidade de uma atitude introvertida de centramento na subjetividade, e é a partir desse lugar que a psique pode se manifestar em suas características inconscientes e impregnadas de conteúdos arcaicos, como a atemporalidade e a unidade. Ao dar vazão a esses elementos, colocando-os em relação com os conteúdos conscientes, está se promovendo uma ampliação da linguagem simbólica capaz de gerar a completude, a integração.

O processo de individuação, descrito na obra de C. G. Jung como a finalidade maior da existência humana, é o trabalho incansável de toda uma vida, cujas sucessivas transformações vão acontecendo ao indivíduo num movimento de integração em direção à totalidade de sua personalidade, que busca tornar-se uma em si e com o mundo.

Assim também o tango é uma dança que mobiliza imagens arquetípicas de transformação, e de integração de permanente diálogo de opostos em suas infindáveis possibilidades e exige dos indivíduos um árduo esforço na tentativa de chegar ao conceito de unidade entre os dançarinos que formam o casal.

Dançar tango tem o potencial de afetar positivamente diferentes aspectos sociais, físicos e emocionais da existência humana, proporcionando a descoberta e a reconciliação da natureza própria de cada um.

Diante de tamanho desafio, o tango revela-se metaforicamente como uma expressão dos processos da psique, e ainda uma oportunidade de viver o caminho de individuação, não sem menos sofrimento, porém dançando!

Os pressupostos que examinaremos a seguir consistem em verdadeiros “laboratórios” de exercício da tensão interna e externa dos opostos.

5.1. CAMINHADA

O verdadeiro baile no tango acontece entre um passo e o outro da caminhada, no momento da pausa, do silêncio, na escolha do próximo movimento, enfim, no seguir a fluidez da energia que os deslocamentos provocam. É nesse lugar intermediário que o tango se expressa.

E não será nesse mesmo “intertium” que a alma se faz?

A ideia coletiva do dançar normalmente está vinculada à execução de esquemas convencionais codificados e que irão resultar em movimentos bem ou mal feitos, determinantes do desempenho do dançarino. Assim é a maioria das danças de salão que oferecem sequências de passos coreografados a serem executados pelos bailarinos. E, uma vez realizados, a aprendizagem estará pronta. Assim tem sido compreendida na nossa cultura a ideia de eficiência, tão valorizada em qualquer aprendizagem.

No tango, porém, a proposta é outra, e por isso a primeira etapa a ser desenvolvida é a da caminhada individual, não se tratando de aprender passos, e sim movimentos que expressem o ritmo da música que se está ouvindo. Todo o deslocamento na dança do tango, seja ele em linha reta, lateral ou circular é chamado de caminhada. Nesses deslocamentos não está em questão a eficácia de um método, e sim a disposição de reaprender a andar nesse novo universo, com suas regras peculiares. Cada um deverá desenvolver sua caminhada única, de acordo com sua verdade única e suas singularidades pessoais. São deslocamentos rítmicos, estendidos, lânguidos, sutis, análogos aos movimentos dos felinos.

Tudo começa, no território do tango, com ouvir, sentir e esperar. Caminhar sintonizando ritmo e movimento, sendo preciso permitir que a música entre no corpo pelos sentidos e ressoe na alma, provocando a princípio um atrito constante e perturbador. O início é, então, de escuta e execução de caminhadas, incansavelmente. Para quem busca o prazer imediato do dançar é muitas vezes uma surpresa desagradável encontrar a presença da repetição, da disciplina e do método. O sacrifício necessário para obter a permissão de andar por este mundo. Exige paradoxalmente uma atitude de resignação e determinação. O desafio está em ouvir a música e andar, é algo que deve ocorrer em conexão, não havendo lugar para apressar-se ou demorar-se em demasia, porém a sutileza dos ritmos e das melodias vai desafiando os sentidos todo o tempo, e cada passo executado

compromete a sequência deste andar expressivo, sendo sempre necessário retornar humildemente ao ponto de partida. O aprendizado não é finito nem linear, é espiral e contínuo. Existe sempre a necessidade do recomeçar. Apesar da surpresa inicial, é fácil superá-la e compreender que os primeiros passos são feitos de cuidado e aceitação, pois, como na vida, nada nos chega sem algum esforço. Impõe-se um “sagrado ofício”! Como em todos os rituais de iniciação, os primeiros momentos são conflitivos e angustiantes, exigindo disposição e resignação no trabalho de acertar e errar. Como diz Homero Expósito, em uma estrofe do belíssimo tango Naranja em Flor (1944):

“Primero hay que saber sufrir,
después amar, después partir
y al fin andar sin pensamiento...”

Para aqueles que foram escolhidos pela imagem do tango como caminho para o crescimento pessoal, a certeza de que esse aprendizado é para toda uma vida já passa a acompanhar o processo desde as caminhadas. Já no princípio fica explícito o convite para um confronto com os aspectos sombrios da personalidade. Esta tensão é necessária ao processo. Este andar solitário exige o recolhimento das projeções e a conseqüente aceitação de quem realmente somos. “Essa confrontação com o “outro” em nós é compensadora, pois deste modo ficamos conhecendo aspectos de nosso ser, que não permitiríamos que outros nos mostrassem e jamais admitiríamos perante nós mesmos”. (1989, § 365).

Percebe-se que, diferentemente de outras modalidades de dança, aqui não se trata de uma dinâmica apenas técnica a ser desenvolvida, e sim de uma atitude pessoal de trabalhar em si mesmo, nos aspectos mais íntimos da personalidade, havendo, é claro, o desejo de viver o tango. Sem o Eros necessário para o processo, ele não ocorre, pois requer paixão, enamoramento.

As primeiras orientações aos dançarinos são frases do tipo: “Perceba todo o seu corpo”, “Perceba seu equilíbrio”, “Não saia do seu eixo”, “Expresse nos passos o que a música está pedindo”, “Não tenha pressa”, “Respire”, “Continue procurando”. “Sinta no seu peito”, “Deixe a música passar pelo coração”.

Trata-se de uma experiência no mínimo singular, encontrar numa aula de dança as mesmas orientações que podem ser recebidas nos consultórios dos analistas! Ali também é um desafio abraçar a causa da auto-realização. É muito

difícil e raro alcançar a atitude correta da caminhada na dança do tango. Como em todo processo de autoconhecimento, não há uma perfeição a ser atingida e sim um compromisso, uma meta de desenvolvimento rumo a integração. Também nela se faz necessário reverenciar a presença do divino e do mistério, aceitando humildemente as possibilidades e impossibilidades que se apresentam. Da mesma forma que terapeuta e paciente, ao “caminharem juntos” pelos territórios da consciência e do inconsciente, em seus diálogos, necessitam humildemente encontrar o “passo certo”, a pausa necessária e o ritmo verdadeiro.

É como nos diz o poeta Jorge Luis Borges: “El tango puede discutir-se, y lo discutimos, pero todavia encierra, como todo lo verdadero, um secreto” (2008, BORGES in PARK, pg.111).

A presença de uma força maior, dirigindo esse processo, se faz sentir na eternidade de um encontro mesmo que seja de alguns minutos. Um tango dura em média 3 minutos, e se pode ser transportado para um lugar que transcende o espaço e o tempo cotidianos, revelando-se uma experiência numinosa.

Um compromisso se firma a partir daí, não havendo como voltar atrás, pois assim como na ampliação da consciência acerca de nós mesmos e do mundo, depois de iniciado o processo, é impossível pará-lo, não há como retroceder. Enquanto o corpo caminha em busca do compasso do tango, a alma caminha inevitavelmente em busca da totalidade. O Self se faz (re) conhecer!

Ensina Jung: “Nunca estamos mais perto do segredo sublime de nossa origem, do que quando nos conhecemos a nós próprios, que sempre pensamos já conhecer.” (1989, §326).

A música abaixo retrata, na letra e na melodia, a essência da experiência da imagem psicológica do tango.

ALAS DE TANGO (Leon Gieco)

Su frágil figurita iluminaba el salón
presencia de alas de tango alucinado y seductor
si Scola la hubiera visto se la llevaba con él
tan pálida, en su vestido negro, volaba de placer.

El tiempo no era tiempo en aquel lugar
un solo gozo era ver las parejas bailar
cada giro en mi cabeza fué una historia
Buenos Aires con su magia se metió en mi memoria.

Aromas de la noche entraban por el ventanal

reinaba el dos por cuatro en las inquietas miradas
acariciaba el bailarín su linda espalda
hacía girar sus pies al compás del alma.

5.2. ABRAÇO

Após a primeira fase, mais solitária, das caminhadas, quando cada um vai aprendendo a reconhecer o seu corpo real, seu centro, seu ponto de equilíbrio, suas facilidades e suas limitações, o casal é então convidado a iniciar a realização dos movimentos em dupla (primeiro frente a frente, segurando-se pelos ombros, e depois abraçados), seguindo a máxima *tanguera*, de Rodolfo Dinzel que diz: “No tango, um mais um não são dois e sim um”.

A busca é pela unidade, é preciso que se veja o casal dançando e não cada um dos dançarinos individualmente. Somente permanecendo fiel a si mesmo é que se torna possível acolher genuinamente o outro.

Jung (2008) refere em *Mysterium Coniunctionis* ao discorrer sobre a personificação dos opostos que:

“Ao estabelecer esta contraposição, pensa-se primeiro na força da paixão e do amor, que obriga aos pólos separados a se unirem, ao passo que se esquece a circunstancia de que atração tão intensa somente, é requerida onde existe a força oposta a separar as partes”. (§101)

O abraço deve ser simplesmente um abraço, ou seja, um gesto intencional de aproximação com o outro. É justamente aí que se pode concretamente observar as características pessoais dos dançarinos, pois cada um abraça de acordo com aquilo que é, e no que acredita. Haverá uma atitude se o contato e a intimidade são questões que movem, e outra se as mesmas paralisam o indivíduo. Assim também no que diz respeito a todas as capacidades envolvidas na relação humana. Se o movimento é de medo, dependência, controle, rigidez ou entrega. Todos estes elementos são acionados, tocados e, assim, convidados a serem percebidos conscientemente. E ainda que se julgue ter algum controle apenas consciente sobre eles, o inconsciente se apresenta e faz ouvir a sua voz.

A. Gasparetto, no meu entender, traduz com exatidão no poema abaixo o significado do abraço na dança do Tango.

DESEJO E DELÍRIO

Eu e você frente a frente
 É o medo e o desejo
 É a desconfiança e a esperança
 É o grito e o silêncio
 É o gelo derretendo no fogo.

Eu e você frente a frente
 É ter sempre que me confrontar
 Encarar os meus erros e as minhas razões
 As minhas verdades e as minhas ilusões
 O meu poder e a minha impotência
 Minha liberdade e os meus limites

Quando estou na sua frente
 Eu posso sentir toda a minha dor
 Mas só na sua frente eu posso sentir todo o meu amor.

O abraço, portanto, é onde todo tango começa, é preciso encontrar a medida ideal, estar conectado ao outro sem perder-se de si mesmo. Não pode ser leve demais que desfaça o contato, nem pesado demais que desestabilize o parceiro. O abraço desejado é firme, circular, comprometido com o outro, sem invadir seus espaços nem ser invadido, cada qual no seu eixo, compartilhando, contudo, o mesmo lugar e objetivo. Deve permitir responsabilidade e liberdade individual. Exige dos dançarinos uma atitude de relaxamento, bastante difícil de encontrar, pois, na maioria das vezes, essa atitude é interpretada como estar largado, sem energia, jogado sobre o outro; e a atitude contrária, que logo se impõe, é a de estar rígido e tenso que, para nossos costumes, está mais associada à ideia de eficiência.

A busca da tomada de posição por um dos contrários leva a uma atitude unilateral que desfaz a comunicação, impossibilitando o dançar. É preciso suportar essa tensão até encontrar a medida. A resposta, é claro, não está em nenhum dos dois extremos, e sim numa atitude de centramento e relaxamento ativo, numa eutonia capaz de preparar cada um dos dançarinos para o diálogo que irá acontecer. O torso ou o peito começam então uma relação de comunicação, de troca. Cada um vai sentindo, comunicando, convidando, desafiando, respondendo e perguntando através de seu peito onde está um dos principais pontos de contato do abraço. Outro ponto importante de contato são as mãos. O cavalheiro oferece a sua mão esquerda a dama, que por sua vez, lhe

estende a sua mão direita. Esquerda e direita correspondendo simbolicamente ao lado esquerdo (lunar) como o sentimento e sensibilidade do masculino e o lado direito (solar) como a razão e a ação do feminino. Oportunizando a cada um contatar e expressar, características dos seus opostos complementares internos.

Num encontro analítico, que pressupõe a relação profunda de duas pessoas, este “abraço” que envolve a personalidade do analista e do paciente, é condição indispensável para que haja crescimento e transformação. É o vaso alquímico onde a obra acontece. A bailarina e coreógrafa Milena Pleb, em artigo publicado na revista *El Tangauta* (2007), descreve magistralmente o significado do abraço no tango:

Abrazados en espiral

“La energía que generan dos cuerpos abrazados moviéndose al compás del tango es algo único. Los torsos están enlazados, y por medio del mecanismo de acción y reacción, se enroscan y desenroscan los cuerpos en espiral, dibujando círculos hacia el infinito y hacia el centro de la tierra, provocando un movimiento energético singular. Simbólicamente similar a la energía kundalini que recorre la columna vertebral enroscándose y desenroscándose verticalmente, pero de a dos y abrazados... Cada pareja improvisando entra necesariamente en trance, es como una meditación. Meditar significa, simplemente, concentrarse en algo. En brazos o abrazando a otra persona, nos concentramos en agradarnos, complementarnos y fluir por la pista. Por donde se aquieta la mente y como consecuencia, el mundo exterior desaparece.

La acción masculina y la reacción femenina de la pareja moviéndose en espiral recicla la energía de ambos, libera endorfinas (hormona del placer), eleva la autoestima y nos envuelve una sensación de bienestar y alegría. Cuántas veces hemos llegado agotados y desganados a la milonga y, al escuchar la música y comenzar a bailar, ¡el cansancio desaparece y es reemplazado por entusiasmo y diversión! Esta omplementación profunda que se produce a nivel físico, emocional y espiritual en el baile del tango tiene algo de sagrado. Y lo mágico es que cada encuentro, al traer a cada persona su particularidad, es único”.

5.3. TERCEIRO EIXO

Após ser capaz de encontrar a medida do abraço a busca é de provocar a criação de um terceiro espaço para o casal. Isso acontecerá na medida em que se desenvolva a capacidade de voltar para si, encontrar-se. É preciso que se crie através da comunicação entre os dois corpos que formam o casal, um terceiro eixo. Esse terceiro eixo não é feito por nenhum dos dois dançarinos, ele surge como terceiro elemento que emerge da cuidadosa manutenção do eixo individual do cavalheiro e da dama que formam o casal. Surge da relação permanente de um com o outro, do diálogo entre eles. As energias do masculino e o feminino (anima e animus) com suas capacidades de receber e transmitir, de ouvir e falar entram em ação. Há uma tensão de opostos, de onde surge o terceiro elemento criativo, capaz de abarcar os dois extremos. Quando esse terceiro eixo emerge, a magia se faz, é um momento e uma combinação única que não se pode repetir. É a expressão da Função transcendente, descrita por Jung como: “Exercício de ceder, adaptar-se e complementar-se buscando a comunhão, fugindo da rigidez do previsível”. (2000, §151)

Os dançarinos são então capturados por esta presença criativa, podendo ser levados pela melodia e passear por um universo infindável de sensações e sentimentos. Dizem muitos *tangueros*, que dançar um tango com uma pessoa é como viver toda uma vida com ela, dada a riqueza de experiências que se produzem ali.

Os movimentos da dança permitem dar forma aos sentimentos, relacionar-se com eles e comunicá-los ao mundo. Existe a presença de um diálogo constante entre receptividade e atividade. É preciso primeiro ser receptivo à melodia, ao parceiro e aos sentimentos, para depois dar a eles forma e expressão. Um exercício de sístole e diástole, introversão e extroversão, movimentos da vida, da psique.

Ao observarmos um casal dançando, podemos fazer diversas análises. Existem aqueles que embora juntos passam a sensação de estar separados, cada um vivendo uma expressão individual. Pode até ser bonito, mas não emociona. Por outro lado existem aqueles que estabelecem uma relação tão verdadeira e unificada que generosamente, abrem espaço para que se produza o Tango, como o terceiro elemento paradoxal que simbolize a síntese, a integração,

a complementação dos opostos. Ao discorrer sobre o tango como um paradoxo, LAVALLE COBO (2007) nos traz a seguinte definição:

“Es algo que trasciende la dicotomía sujeto-objeto; no se remite específicamente a la producción danzística de una parte o de la otra, es difícil seccionar el baile de uno de los partenaires, más bien se vê, al menos em uma primera observación inadvertida, el conjunto, una gestalt, algo más que la suma de las partes”. (pg.41)

5.4. DISSOCIAÇÃO

A dissociação é o termo técnico que, no tango, se refere à, capacidade de executar movimentos distintos entre o tronco e as pernas. Esses são respectivamente para os *tangueros*, segundo Rodolfo Dinzel, o aparato dramático e o expressivo. Exige-se, portanto, uma dissociação entre eles, entre a parte superior e inferior do corpo, entre torso e pernas, tendo o quadril como o espaço intermediário onde se dá a comunicação entre a dinâmica da parte superior e da parte inferior do corpo. A mecânica de dissociação entre pernas e tronco é encontrada em todas as danças ritualísticas de influência africana. Essa dinâmica possibilita uma discriminação entre aquilo que sinto e percebo e a escolha da forma de expressão desses sentimentos e sensações. Somente havendo essa discriminação pode se chegar à comunhão desejada. O peito, sede dos sentimentos e do abraço, não deixa romper a comunicação, enquanto as pernas e os pés podem livremente desenhar, imaginar e expressar as suas verdades particulares.

Paradoxos, polaridades, movimento alquímico de unir e separar (*solve et coagula*). A alquimia tão estudada por Jung em sua identificação com o processo de individuação define o “*transitus*” em busca da totalidade como a reunião das forças do que é superior com o que é inferior, “através do movimento de levar para o alto o que é de cima, e para a terra aquilo que é de baixo, num fluxo contínuo de subidas e descidas” (Jung, 2008. § 282). Quanto mais em contato com o chão estiver a parte inferior, mais elevada poderá estar a parte superior. Assim se movem os bailarinos no tango, cuidando dessa dissociação que manterá a união desejada.

Esses movimentos são sempre curvos, redondos e acontecem dentro de um espaço protegido e circular. Movimentos nos sentidos vertical e horizontal acontecem, concomitantemente. Posições fechadas abaixo e abertas acima. É um processo que exige o trabalho constante de voltar o olhar para dentro de si, perceber-se. Somente tendo muita clareza de onde estou e de quem sou é que posso alcançar algum grau de integração. A partir dessas colocações, fica evidente o quanto o diálogo consciência e inconsciente se fazem presentes no tango. As duas instâncias psíquicas estão presentes e se expressam nessa dança.

Não estará a dinâmica musical do tango, o 2 por 4, nos indicando que em toda relação entre dois seres é preciso levar em conta os aspectos de consciência e inconsciente de cada um(anima e animus), chegando ao 4?

A música abaixo soa como um convite a cada um para voltar-se para dentro, para a sua origem, como uma maneira de reconexão capaz de levar à integração.

VUELVO AL SUR (Música: Astor Piazzola e Letra: Fernando “Pino” Solanas)

Vuelvo al Sur
como se vuelve siempre al amor,
vuelvo a vos,
con mi deseo, con mi temor.

Llevo el Sur,
como un destino del corazón
soy del Sur,
como los aires del bandoneón.

Sueño el Sur,
inmensa luna, cielo al revés,
busco el Sur,
el tiempo abierto, y su después.

Quiero al Sur,
su buena gente, su dignidad,
siento el Sur,
como tu cuerpo en la intimidad.

Te quiero Sur,
Sur, te quiero.

Vuelvo al Sur,
como se vuelve siempre al amor,
vuelvo a vos,
con mi deseo, con mi temor.

Quiero al Sur,
su buena gente, su dignidad,
siento el Sur,
como tu cuerpo en la intimidad.
Vuelvo al Sur,
llevo el Sur,
te quiero Sur,
te quiero Sur...

5.5 IMPROVISACÃO

No tango não existem verdades rígidas ou paradigmas inquestionáveis, pois para cada bailarino, para cada casal, é permitido expressar-se à sua maneira. É uma, e talvez a única dança a dois que não é coreografada, não existem passos fechados, a resolução dos mesmos pode nunca se repetir, pois vai depender de uma leitura e possibilidade individual de interpretação. A improvisação desafia a criar constantemente, a surpreender. Incontáveis situações imprevistas podem ocorrer e mudar o rumo da dança no próximo compasso.

Existem os que se movem pelo ritmo, outros pela melodia, uns dançam no tempo, outros no contratempo, ou ainda, misturam todos esses elementos. A sensibilidade de cada um irá captar, num movimento de recolhimento, de introspecção, de pausas, de troca de olhares, o que aquele momento único pede que se apresente. É o momento onde se revela ao máximo o processo criativo implicado nessa dança, pois o corpo passa a ser usado como instrumento expressivo da alma, a serviço das imagens. É possível dizer que os dançarinos são “tomados” pelo movimento, num êxtase dionisíaco que se sobrepõe aos aspectos individuais, tornando-se unos com o a alma do mundo. É uma experiência de deixar-se levar, de esvaziar-se de imagens e permitir que a obra se realize.

Trecho de entrevista dada por M. Plebz:

“_Hace años escuché decir a Carlos Petróleo, creador junto con sus amigos de complejas figuras del tango hacia fines de los '30: En el tango no hay patrones a seguir, cada uno lo baila como quiere... con el brazo así... o así... (subía y bajaba exageradamente el brazo izquierdo mostrando distintas posiciones del abrazo). Un adelantado. Con decir que, de Tango X 2, la coreografía que más le gustaba era “Nostálgico” de Oscar Aráiz, que era contemporánea. Para él, lo demás era antiguo, su entusiasmo estaba puesto en la novedad y la originalidad.

En lo referente al tango, todos nos creemos dueños de la verdad , porque tiene que ver con la diversidad y eso es lo que lo hace tan rico. Lo que me queda bien a mí, quizás a otro, no. Está en la imaginación e inteligencia de cada uno cambiarlo, adaptarlo, recrearlo o desecharlo. Y justamente se trata de adueñarse enteramente del propio movimiento, ahí está la clave. No tomar prestado lo que

hacen otros. Propongo empezar a partir de formas neutras en cuanto a postura, abrazo y movimiento. Y dejar que vaya surgiendo naturalmente la propia, única y personal manera de bailar”.

Nas palavras de M. Plebze na entrevista acima é fácil reconhecer o respeito aos ditames do processo de individuação como foi descrito por C.G.Jung(2007), ressaltando o valor absoluto que ele reconheceu na fantasia criativa dos indivíduos. Ao esclarecer a respeito dos objetivos da psicoterapia na perspectiva da Psicologia Analítica, ele coloca:

“O que visio é produzir algo de eficaz, é produzir um estado psíquico, em que meu paciente comece a fazer experiências com seu ser, em que nada mais é definitivo nem irremediavelmente petrificado; é produzir um estado de fluidez, de transformação e de vir a ser”. (§ 99)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia analítica de C.G.JUNG ao amplificar o olhar psicológico sobre os fenômenos do mundo o faz com extrema sensibilidade e generosidade. Sensibilidade para investigar as expressões da alma humana de uma forma tão gentil e cuidadosa que leva esta alma a vir ao seu encontro, confiante no respeito que a ela será dedicado. Generosidade em construir um conhecimento que se coloca a serviço dessa mesma alma e nunca a reduz a interesses científicos particulares. É neste universo que se pode buscar compreender “A alma no compasso do tango”.

A caminhada, o abraço, o terceiro eixo, a dissociação e a improvisação se mostram como elementos capazes de traduzir a alma no compasso do tango. Todos eles propõem uma relação com respeito às singularidades, atenção cuidadosa de si e do outro, diálogo constante dos contrários, tensão ideal, expressão da criatividade e busca da unidade. Necessidades essenciais, arquetípicas dos seres humanos de todos os tempos. A presença desses temas na dança do tango sugerem ser este o motivo de sua universalidade, pois a psique pode aí reconhecer elementos pelos quais sempre procura para expressar-se e realizar-se. Essa dança proporciona mais do que a educação de habilidades técnicas. Ela promove o desenvolvimento das funções psicológicas, convidando sentimento, sensação e intuição a recuperarem seu lugar e valor em um mundo que, por muito tempo, concedeu total primazia ao pensamento em nome da ciência e da técnica. Como nos alerta Rubem Alves, “se não houver a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido” (2005, pg.41).

O tango, que na definição de Ramon Pelinski(2007), nasce com a vocação de “vagabundo cosmopolita” e traz em si uma capacidade desenvolvida de converter-se em metáfora estando sempre pronto a questionar as condições existenciais do ser humano e assim como os seus criadores imigrantes, é um nômade, aberto a múltiplas identidades e a criar raízes em novos territórios.

“La especificidad del tango, como lo há interpretado su recepción global, es que el abrazo silencioso del baile involucra dos cuerpos _ y quizás um solo corazón! _ em uma reciprocidad de sensaciones corporales inscritas dentro de um erotismo que, siempre antiguo y siempre nuevo,

duradero y efímero a la vez, es condición existencial del ser humano”. (pg.10)

O tango como imagem se aproxima de uma ideia de horizonte infinito, de busca de totalidade sempre provisória. A busca de conhecimento no tango é progressiva e traz constantemente a percepção de que novos aspectos de sua realidade vão se revelando num processo infinito, rumo a uma totalidade à qual nunca se pode chegar. É um projeto de plenitude!

A alma encontra aí morada, pertinência, valor e amparo, pois reconhece o espaço intermediário, simbólico, a medida exata conquistada com esforço, resignação e comprometimento para acolhê-la. LAVALLE COBO E PERI (2010) ao examinarem o aspecto ritualístico do tango nos remetem a C.G.Jung, que há muito tempo já havia alertado que o homem moderno procura na ciência e na tecnologia, aquilo que o homem antigo encontrava na suas mitologias e concluem dizendo que o tango pode ser visto como “um grito desesperado da psique sedenta de mitificação” (pg.89).

Todos esses aspectos podem ser sintetizados no grande desafio de relacionar-se. A relação, tanto consigo como com o outro, é expressão maior da nossa humanidade. Quanto mais inter-relação existir num casal de dançarinos, mais tango irá se produzir, e mais a alma se apresentará neste espaço de unidade. Ao passo que, ao se produzirem conceitos rígidos, inflexíveis, unilaterais, mais haverá falta de comunicação, ruptura e, nesse movimento, a alma foge. Assim como irá afastar-se, sempre que se romper o espaço imaginário de contenção (cilindro energético) que se forma em torno dos envolvidos.

Seja nas relações da dança, da vida cotidiana ou ainda na relação analítica (paciente/ terapeuta) é no valor do encontro genuíno que a alma fará seus ninhos.

Na improvisação do tango e da vida, o “dançarino” é colocado frente a frente com a sua liberdade e com as escolhas daí decorrentes. De acordo com os códigos de entendimento que possa construir, com seriedade, profundidade e introspecção irá desenvolver a capacidade de dialogar. A atitude correta é fraterna. Homem e mulher, unidos na posição de abraço.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES,R. Educação dos sentidos e mais... São Paulo: Versus editora,2005.
- DINZEL, Rodolfo. El tango: uma danza. Buenos Aires: Ediciones Corregidor,1999.
- FERNANDES, Hélio de Almeida. Tango: uma possibilidade infinita.Rio de Janeiro:Bom Texto,2000.
- JUNG,C.G. Mysterium coniunctionis. O.C. XIV/1. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG,C.G. Mysterium coniunctionis. O.C. XIV/2. Petrópolis: Vozes, 1989.
- JUNG,C.G. O espírito na arte e na ciência. O.C. XV.Petrópolis:Vozes,1991.
- JUNG,C.G. A natureza da psique. O.C.VIII/2.Petrópolis Vozes,2000.
- JUNG,C.G. A prática da psicoterapia. O.C.XVI/2.Petrópolis:Vozes,2007.
- JUNG,C.G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro:Nova Fronteira,2008.
- LAVALLE COBO, I.Tango uma danza interior.Buenos Aires:Corrigidor,2007.
- LAVALLE COBO y PERI. Psicotango:Danza como terapia.B. Aires: Corrigidor,2010.
- PARK,C.Tango Zen: Caminar y meditar bailando.Buenos Aires:Kier,2008
- PELINSKI, R.Tango nômade.Buenos Aires: Corrigidor, 2007.
- REVISTA EL TANGAUTA. Buenos Aires: Grupo Tangauta, 2007. Mensal.
- ROBIM, Michel. Tornando-se Dançarino. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- SANFORD, John. Os parceiros invisíveis. São Paulo: Paulus,1987.